

Ex-generais vivem no cerrado

■ Lugar onde Curió matou o menor é um refúgio rural de ex-militares do Exército

Fotos de Júlio Fernandes

JORGE VASCONCELLOS

O local onde o menor Laércio Xavier da Silva, 17 anos, foi morto a tiros pelo ex-agente do SNI e ex-deputado federal Sebastião Curió, na madrugada de terça-feira, é uma espécie de vila militar escondida em pleno cerrado do Planalto Central. Distante 30 quilômetros de Brasília e localizada entre as cidades satélites de Sobradinho e Planaltina, a Avenida Tenente Antônio João é o endereço de 18 oficiais da reserva das Forças Armadas, a maioria ex-integrantes da comunidade de informações, que durante mais de 20 anos foi um dos sustentáculos do regime militar. O tiro certo de Curió, além de matar o menor, serviu para que o esconderijo dos ex-militares fosse descoberto após um pacto secreto que durou 11 anos.

A Avenida Tenente Antônio João leva o nome do militar que morreu ao lado de 20 oficiais brasileiros durante a Guerra do Paraguai. Na época, cerca de 300 paraguaios invadiram o Brasil pela cidade de Ponta Porã, Mato Grosso do Sul, onde foram recebidos à bala pelo grupo chefiado por Antônio João. Todos os brasileiros morreram. Ao final do combate, os paraguaios encontraram um boletim assinado pelo tenente onde se lia: "Sei que morro, mas meu sangue e de meus companheiros servirão de protesto solene contra a invasão do solo de minha Pátria." Esse discurso foi repetido na sexta-feira, com ênfase, pelo general Valtencir Costa, ex-chefe do Departamento Geral de Serviço do Exército, que mora em frente à chácara do general Germano Pedroso, onde Curió matou Laércio e feriu o irmão mais novo do menor.

Os habitantes da Avenida Antônio João guardam alguns costumes



Avenida Tenente Antônio João, nome de um herói do Exército brasileiro, fica no cerrado do DF

adquiridos nos tempos de caserna. Diante de uma pergunta, respondem "afirmativo" ou "negativo". Suas chácaras são verdadeiras fortalezas, a exemplo da que pertence a Curió, de oito hectares, protegida por uma cerca viva de quatro metros de altura. Mas não só isso: a avenida, apesar de ser uma estrada de chão de quatro quilômetros de extensão, possui um quebra-molas pintado de preto e amarelo e placas de trânsito indicando que a velocidade dos automóveis não deve ultrapassar os 20 km por hora. Só faltava o aviso: Área Militar.

História — A avenida fica num localidade conhecida como Sobradinho dos Melos, uma alusão à antiga família de latifundiários que dominava a região. Os militares começaram a comprar seus lotes há 11 anos, das mãos do corretor Euler Paranhos, já falecido. Atualmente, o presidente da Associação dos Moradores da Avenida Tenente Antônio João (Amataj) é o português Antônio Baraona. Um dos moradores mais antigos é o general Valtencir Costa, que vive com a família na Vila Maracanã, uma chácara de oito hectares.

Costa também vive na companhia de seis cães perdigueiros, de caça, responsáveis pela segurança da chácara. "Nossa avenida é cercada por mais de 500 pessoas. Na maioria famílias de caseiros. O problema é que são os próprios filhos dos caseiros os que freqüentemente praticam assalto nas chácaras. Tiros contra ladrões são muito comuns aqui", conta. A rotina dos moradores da Tenente Antônio João prova que a violência já não escolhe lugar e ameaça até mesmo os que conseguiram comprar a tão sonhada casa de campo.